

A RELAÇÃO DA LIBRAS COM A LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL (LSF): ANÁLISE DE IMAGENS DE SINAIS COM BASE EM VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO

A LIBRAS RELATIONSHIP WITH A FUNCTIONAL SYSTEMIC LINGUISTIC (LSF): AN ANALYSIS OF IMAGES OF SIGNS BASED ON THE VARIABLES OF THE CONTEXT OF SITUATION



Márcia Monteiro CARVALHO
Professora Adjunta
Universidade Federal do Pará
Faculdade de Ciências da Linguagem
Abaetetuba, Pará, Brasil
orcid.org/0000-0001-6278-2667
marciacarvalho369@gmail.com

55

Resumo: Este estudo teve como objetivo contribuir para a compreensão dos usos e da importância de uma língua visual — Libras – Língua Brasileira de Sinais, nos espaços sociais. Com fundamentação teórica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), dos Estudos Surdos, Brito (1993), Quadros (2004), e Estudos da Tradução, Pagura (2003), e outros. Por se tratar de aporte teórico e metodológico que investiga o uso social da linguagem, a LSF é importante para ilustrar a relevância de se manter um canal de comunicação televisivo utilizando uma língua visual com interpretação simultânea como meio de acessibilidade das pessoas surdas. A análise ocorreu em um recorte de um programa televisivo denominado *Jornal Visual*, que é sinalizado e encontra-se disponível no site do *Youtube*. A análise foi feita somente nos 30 segundos das chamadas do noticiário levando em consideração o conceito da LSF *contexto de situação*, que compreende três variáveis: o *campo/área do discurso*, *relação* e *modo*. Este breve estudo procurou mostrar a relevância de estudos com base na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday envolvendo duas línguas de naturezas distintas, porém não menos importantes. Espera-se que a análise possa despertar um olhar crítico nos leitores no tocante ao contexto de situação de um programa televisivo. Daí a importância de se conhecer o funcionamento das variáveis do contexto de situação.

Palavras-chave: Interpretação. Libras. Linguística Sistêmico-Funcional.

Abstract: *This study aimed to contribute to the understanding of the uses and the importance of the visual language – LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, in social spaces. With a theoretical framework from Systemic-Functional Linguistics (SFL), Halliday (1994) and Halliday and Matthiessen (2004), and in Deaf Studies, Brito (1993), Quadros (2004), and Translation Studies, Pagura (2003), and others. Being it about a theoretical and methodological support that investigates the social use of language, SFL is important to illustrate the relevance in maintaining a television network channel using a visual language with simultaneous interpretation as a means of accessibility by deaf people. The analysis occurred in a piece of television show named Visual News that is signed and is available on YouTube. The analysis done regarded only 30 seconds of the news calls taking into consideration the concept from SFL context of situation that comprises three variables: field/area of speech, tenor, and mode. This brief study aimed at showing the relevance of studies based on Halliday's SFL by involving two languages of a distinct nature, though not least important. We hope this analysis can raise a critical look in readers*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

regarding the context of situation of a TV program. Hence, this is the importance of knowing how the variables of the context of situation work.

Keywords: Interpretation. Libras. Functional Systemic Linguistic.

Introdução

56

Este trabalho tem o objetivo de colaborar para a expansão da interface entre Estudos da Tradução e a LSF através da compreensão dos usos e da importância da língua visual – especificamente Libras¹, nos espaços sociais, com fundamentação teórica da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), em Estudos da Tradução (TORO, 2007, AUBERT, 1998) e da Interpretação (BRITO, 1993, QUADROS, 2004). Numa concepção geral, a perspectiva funcional tem como premissa básica de interesse verificar como os usuários da língua se comunicam eficientemente em diversos contextos, independentemente do canal de comunicação entre os falantes. No caso dos surdos, o canal é visuo-espacial². Por se tratar de aporte teórico e metodológico que investiga o uso social da linguagem, a LSF é importante para ilustrar a relevância de se manter um canal de comunicação televisivo utilizando uma língua visual com interpretação simultânea como meio de acessibilidade das pessoas surdas. Além da LSF, será considerado, no presente trabalho, os Estudos da Tradução.

Segundo Toro (2007, p. 9-10): “Estudos da Tradução é uma disciplina acadêmica que estuda a teoria e a prática da tradução”. Portanto, é uma disciplina que está em constante contato com diferentes campos de estudo, por conta disso é caracterizada como uma área multilíngue e interdisciplinar, pois estabelece relações com a linguística, estudos culturais, filosofia, ciências da informação e muitas outras. Como a área da tradução se divide em duas vertentes, tradução e interpretação, neste estudo, será enfatizado o uso da interpretação simultânea para a Libras. Ressalta-se que o foco da análise serão as sinalizações e as glosas³.

A análise será em um recorte de um programa televisivo denominado *Jornal Visual*, que é sinalizado e encontra-se disponível no site *Youtube*⁴. Nessa edição do *Jornal Visual*, destacam-se duas notícias: uma a respeito de como deve ser o ensino de português para surdos e a outra acerca dos cuidados especiais com as mulheres grávidas e cadeirantes. As informações sobre a gravidez e as pessoas cadeirantes não serão utilizadas no *corpus*. A análise será feita somente nos 30 segundos até o momento da chamada de notícia sobre o ensino de L2 para surdos. Neste estudo, será levado em consideração o conceito da LSF *contexto de situação*, que compreende três variáveis: o *campo/área do discurso*, *relação* e *modo* somente. Note-se que só

serão analisadas as orações em Libras no presente estudo, as imagens e glosas que nos deram condições de exemplificar o uso de uma língua visual com base na Gramática Sistêmico-Funcional.

A gramática Sistêmico-Funcional nos orienta para entendermos a linguagem como fenômeno social, pois as pessoas se comunicam – por línguas orais ou de sinais – em contextos sociais. Grupos específicos de comunidades surdas e ouvintes, com culturas específicas se comunicam através da linguagem e são afetados por ela, por isso a relevância de se estudar e entender essa relação bidirecional entre linguagem e sociedade. Neste estudo, abordaremos a utilização de uma língua visual (Libras) e uma língua oral auditiva (a Língua Portuguesa) sob o viés da gramática Sistêmico-Funcional. No próximo tópico, segue a discussão acerca de como ocorre o trabalho de interpretação entre línguas de modalidades (visuo-espacial e oral-auditiva) diferentes.

1 Interpretação de uma língua visual para uma língua oral

O estudo da linguagem deve se estender além do nível verbal-oral para compreender que, assim como a língua oral, a comunicação com a língua espaço-visual também expressa diferentes interpretações da realidade. Os sujeitos surdos brasileiros precisam utilizar a Libras (Língua brasileira de sinais), que é uma língua visual, para se expressar e interagir com seus pares socialmente. Segundo Brito (1993, p. 21):

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva.

A língua sinalizada permite que os surdos tenham acesso a qualquer informação. Diante disso, é importante que os meios de comunicação estejam preparados com recursos de acessibilidades, como intérpretes de Libras, legendagem em Português escrito para surdos e ensurdecidos e janelas de interpretação de língua de sinais para que os surdos possam ter acesso aos diferentes conhecimentos. A Libras é importante para a comunicação entre falantes surdos ou ouvintes, que interagem nessa língua. Carvalho afirma que a Libras é:

[...] o meio de comunicação que mais se adequa à realidade e necessidade linguística dos surdos por ser uma língua espaço-visual, que permite discutir sobre qualquer tema. Defende-se que o início da aprendizagem formal dos surdos deve ser primeiramente

em LIBRAS e posteriormente em língua portuguesa (como segunda língua) para que essa pessoa possa ter condições de aprender quantas línguas quiser. (CARVALHO, 2012, p. 18-19).

De acordo com a citação, a utilização da intérprete⁵ no *Jornal Visual* permitiu aos sujeitos surdos explorar a comunicação através do visual de maneira profunda na sua complexidade na dimensão política, social e comunicativa. Esse é mais um exemplo de uso e funcionalidade da linguagem humana. De acordo com Heberle:

O acesso de grupos e organizações minoritárias à mídia, por exemplo, é crucial para a sua participação na esfera pública. Entretanto, o acesso aos meios de comunicação de massa restringe-se aos grupos majoritários de elite, que selecionam as questões e tópicos a serem abordados. (HEBERLE, 2000, p. 294).

Pensar em surdos é pensar em minoria, que nos remete ao entendimento de que há uma maioria dominante – os ouvintes que estão em vantagem com relação aos surdos no quesito à participação pública e acesso à linguagem. Essa luta por poder e espaço envolve a questão de acesso ao discurso que afeta diretamente o ser humano. Diante disso, o acesso à língua, às mídias sociais, à informação é importante para que qualquer indivíduo possa se posicionar e se firmar socialmente.

58

Por isso o trabalho do tradutor e intérprete de língua de sinais é importante para fazer o elo entre surdos e ouvintes. O tradutor, segundo Quadros (2004, p. 11), é a “[...] pessoa que traduz de uma língua para outra”. Quadros ainda nos diz que “tecnicamente, tradução refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim, tradutor é aquele que traduz um texto escrito de uma língua para a outra”, além disso, “[a] tradução, como qualquer outro ato de comunicação, de qualquer natureza, é algo que ocorre entre indivíduos e entre grupos sociais. [...] algo que tem lugar entre culturas, ideologias e visões de mundo distintas” (AUBERT, 1998, p.99). A tradução e a interpretação não partirão somente de um texto escrito, mas há modalidades de tradução e interpretação que podem ser da língua brasileira de sinais para o português oral, sinais para escrita, português para a língua de sinais, da língua oral ou escrita para a língua de sinais.

Quadros (2004, p. 11) conceitua o Intérprete como a “[...] pessoa que interpreta de uma língua (língua-fonte) para outra (língua-alvo) o que foi dito” e o tradutor-intérprete de língua de sinais é a “[...] pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar [oral ou escrita]”. Neste estudo, é evidenciado o trabalho do tradutor-intérprete de língua de sinais no *Jornal Visual*, pois há o

envolvimento de duas línguas de modalidades diferentes. A informação em Libras e também na língua portuguesa oral, pois o vídeo analisado tem o áudio em português oral, o qual é interpretado para a Libras.

De acordo com Pagura (2003, p. 210), “[o]s intérpretes existem desde a antiguidade, assim como os tradutores, com quem são frequentemente confundidos; o tradutor trabalha com a palavra escrita, o intérprete com a palavra falada”. Para o autor, a tradução e a interpretação são consideradas profissões “gêmeas”. A interpretação é uma modalidade de tradução que comumente é confundida com a modalidade de tradução escrita. Tal qual Nicoloso e Heberle (2015, p. 199), “[e]mbora [...] a interpretação envolva um processo de tradução, no sentido geral desse termo, grande parte dos teóricos e profissionais da área da tradução utiliza os termos tradução e interpretação para se referir a duas atividades distintas”. Apesar dessa diferença, é comum as pessoas chamarem de “tradutor-intérprete” o profissional que trabalha com Libras somente na modalidade oral, pois há profissionais que são intérpretes, mas que não fazem tradução escrita. Para as autoras (NICOLOSO; HEBERLE, 2015, p. 199), “[...] tradução e interpretação apresentam modalidades distintas de atuação entre os profissionais, implicando também em diferentes condições de trabalho em virtude do ritmo e do tempo”. A interpretação comumente se divide em duas modalidades: consecutiva e simultânea. Para Pagura:

59

Embora não haja dúvidas de que a interpretação simultânea e a consecutiva envolvam um processo de tradução, no sentido mais amplo do termo – a conversão de uma mensagem de um idioma para outro e de uma cultura para outra –, a maioria dos teóricos e dos praticantes das duas áreas reserva o uso dos termos mencionados acima para duas atividades diferentes, conforme as delimitações já mencionadas (PAGURA, 2003, p. 210).

Pagura faz distinção entre os tipos de modalidades de interpretação: a consecutiva e a simultânea. A primeira “é aquela em que o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo, normalmente a sua língua materna.” (PAGURA, 2003, p. 211). A segunda, “os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido.”. Estes discursos podem chegar aos intérpretes na forma oral lido ou sinalizado.

Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita. A interpretação **simultânea** não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem

necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. (PAGURA, 2003, p. 211-213).

De acordo com o autor, o fator tempo também interfere na atuação de quem faz interpretação, uma vez que a intérprete ou o intérprete precisa de tempo para organizar as ideias, o que não acontece na maioria das vezes, mas uma forma de ajudar a ultrapassar esses limites é ter acesso ao texto antes da interpretação, se familiarizar com os vocábulos desconhecidos e ter uma conversa prévia com o orador. É verdade que nem sempre isso é possível, e lidar com textos de improvisos gera algum tipo de insegurança. Mesmo não tendo condições ideais a intérprete ou o intérprete pode e deve dar conta da interpretação, devido às competências necessárias como: ter um conhecimento especializado e possuir um conjunto de conhecimentos, de habilidades e atitudes que o diferenciá dos demais profissionais bilíngues

A interpretação sinalizada de um jornal em canal midiático abordado no trabalho em questão não é comum, mesmo que nos dias atuais se discuta com veemência a necessidade de acesso à comunicação de pessoas surdas por meio da Libras. Esse fato também foi um motivador para escolher esse *Jornal Visual* para a elaboração deste estudo. Espera-se que mais programas adotem essa forma de acessibilidade. Assim, os surdos poderão manter-se informados sobre assuntos do cotidiano. O interesse nesse material de estudo serviu como base para ilustrar essa necessidade e também oferecer os dados para a análise.

60

2 Compreendendo a gramática Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional, teoria linguística originada pelo linguista britânico Halliday (e desenvolvida por outros pesquisadores como Hasan (1989), Eggins (1994), entre muitos outros) é uma abordagem ao estudo da linguagem que está centrada na noção de “função”; isso porque considera a gramática em termos de como ela é usada para produzir significados.

Essa proposta, iniciada nos estudos de Halliday nas décadas de 1960 e 1970, é sistêmico-funcional porque concebe a língua como uma rede de sistemas interligados que o falante faz uso (base funcional) para produzir significados (base semântica) em situações de comunicação. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser um mero sistema regulado por regras e passa a ser estudada de um ponto de vista sócio-semiótico, considerando-a como um sistema de produção de significados (SANTOS, 2014, p. 166).

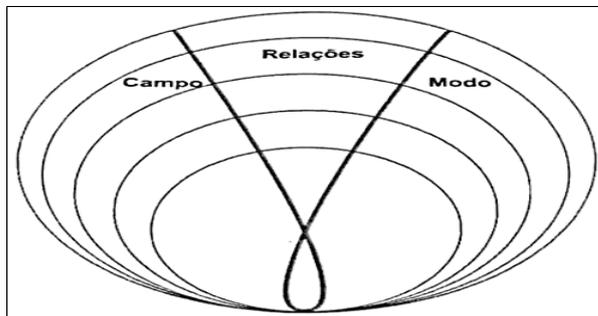
Segundo Heberle, para Halliday “[...] a linguagem é vista como um processo social, como um dos sistemas possíveis de significado que constituem a cultura humana. Logo, a

linguagem, o texto e o contexto social integram-se no processo de significação [...]” (2000, p. 296). A gramática Sistêmico-Funcional pode contribuir para uma discussão sobre questões relevantes da comunidade surda e da Libras, pois constitui um arcabouço teórico que pode descrever a Libras em termos de seu uso em relação aos usuários, sua função na comunidade surda, e permite a observação de aspectos linguísticos e contextuais dessa língua. Para Fuzer e Cabral (2014, p.19), a gramática de Halliday é “[...] sistêmica porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo” e “[é] funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos”.

Observemos como se descreve alguns elementos constituidores dessa gramática. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 4-5), “texto é ‘qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem’”. Gouveia (2008), também afirma que texto é o que produzimos quando comunicamos e interagimos, falado ou escrito ou não verbal, individual e coletivo, entre outros. O texto pode ser utilizado pelas pessoas para infinitas atividades, como por exemplo: dar uma opinião, poder escrever a uma revista para expor um ponto de vista sobre um assunto. Essas ações são pautadas em lugar social ocupado por cada agente do texto. Conforme Fuzer e Cabral (2014, p. 24), “[...] o texto não é uma unidade semântica composta de orações; o texto realiza-se em orações”. O texto nos faz perceber que o sentido está vinculado a quem produz, para quem produz, como e onde e está intrinsecamente inserido em dois contextos: de situação e de cultura.

O contexto de situação, segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 28), “[...] é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando”. Esse contexto pode ocorrer numa igreja ou numa escola. Pode ser uma conversa com amigos na praça, ou uma reunião. Já o contexto de cultura “refere-se não só a práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos [...] ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 28). Para o presente estudo, faremos uso do contexto situacional descrito por Halliday, o qual já apresentado anteriormente, que é composto de três categorias: *o campo*, *as relações* e *o modo* que correspondem aos componentes *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, que não serão tratados aqui. Observe a informação na Figura 1, a qual dispõe do funcionamento das variáveis do contexto de situação:

Figura 1 – Três categorias do Contexto de Situação



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 29).

62

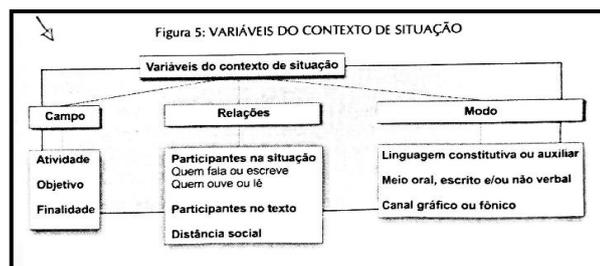
Sigamos com a descrição de cada categoria. O *campo* remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social ocorrendo, com objetivos específicos. O que está sendo feito? Para quem? E qual a finalidade? O componente *campo* diz respeito ao que está sendo feito, para quem, a finalidade da prática social realizada pelo uso da linguagem, em outras palavras, “o tipo de ato que está sendo executado e seus objetivos” (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 17). Refere-se “ao que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo: no que especificamente os participantes do discurso estão envolvidos ao usarem a linguagem” (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 12).

Já o componente *relações* envolve os participantes, a natureza dos papéis sociais desses participantes, o grau de controle a distância social, e o grau de formalidade entre eles. Como explicam as autoras:

O modo refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação, ou seja, trata do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal). (FUZER; CABRAL, 2014, p. 30).

A Figura 2 ilustra os componentes das três Variáveis do Contexto de Situação:

Figura 2 – Variáveis do Contexto de Situação



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p.30).

É possível identificar aspectos do contexto de situação a partir de análises de determinadas palavras, ou estruturas léxico-gramaticais específicas do texto. De acordo com Halliday (1994), além das variáveis de contexto de situação nos textos há relações inerentes relacionadas às funções da linguagem chamadas de metafunções⁶. Embora as metafunções não sejam analisadas na presente pesquisa, seu estudo é importante, pois cada metafunção se relaciona com a variável do contexto de situação como dito anteriormente. Em relação à Libras, conforme Quadros e Heberle (2006, p. 87):

Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Por outro lado, a partir de uma perspectiva discursiva, [via LSF] a língua de sinais brasileira reúne as três funções (também denominadas metafunções) da linguagem humana: a ideacional, a interpessoal e a textual, unindo o léxico, a gramática, a semântica e o contexto (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; HEBERLE, 2000).

63

Para explicar estas metafunções da LSF, as autoras acrescentam que:

Enquanto a função ideacional refere-se ao uso da linguagem para a representação de ideias, expressão de experiências, descrição de eventos, estados e entidades, a função interpessoal diz respeito ao uso da linguagem para o estabelecimento e manutenção de relações/interações sociais. A função textual, por sua vez, refere-se à organização e composição das mensagens. (QUADROS; HEBERLE, 2006, p.88).

Ainda pode-se acrescentar que a *metafunção ideacional* (FUZER; CABRAL, 2014, p. 33) “é realizada por duas funções distintas: experiencial e lógica [...] é responsável pela construção de um modelo de representação de mundo. Sua unidade de análise é a oração”. Na representação da *metafunção interpessoal*, o sistema a ser observado é o *modo*, que “[...] é o recurso gramatical para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo, considerando-se as funções dos elementos que constituem a oração [...]” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 33). Na *metafunção textual*, “a oração é vista como mensagem e consiste de um Tema acompanhado de um Rema, sempre nessa ordem. [...] o Tema é o elemento que serve como

ponto de partida da mensagem; é o que localiza e orienta a oração dentro do seu contexto” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 34). Diante do exposto, podemos concluir que uma mensagem pode ser analisada por diferentes enfoques por ser a linguagem de natureza multifuncional. Sigamos abaixo para procedimento metodológico do trabalho em seguida as análises de imagens retiradas do vídeo *Jornal Visual*.

2.1 Procedimento de coleta de dados

A escolha do *corpus* se deu após o término da disciplina Estudos da Tradução e Discurso no meu doutoramento, pois teria que fazer um artigo que tivesse *link* com a disciplina e com minha pesquisa. Ao visitar o site *Youtube*, o que chamou a atenção foi encontrar pela primeira vez um jornal exclusivo para pessoas surdas. A metodologia de pesquisa se deu através da revisão bibliográfica, coleta e análise dos dados. Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo. Seguem as informações sobre o material selecionado.

O *Jornal Visual* foi o primeiro programa jornalístico diário criado para levar informação à comunidade de surdos que tem a língua de sinais como sua língua de acesso à informação e à cultura surda. Fazia reportagens sobre acessibilidade, notícias do Brasil e do mundo traduzidos para a Libras. Era televisionado pelo canal 7 da TVE de segunda à sexta, às 7h e 50 minutos. A edição desta análise foi feita pela Claudia Jacob (a apresentadora no vídeo é Rosane Lucas, mas não há informações no *site*, até a data de consulta, se há alguma participação surda). Tratou-se de uma notícia. O programa apresentou o formato de uma revista eletrônica e realizou semanalmente entrevistas com pessoas com deficiência e profissionais da área. O objetivo era ampliar o acesso desses cidadãos aos meios de comunicação e mostrar o espaço que esse público ocupava na sociedade.

A gravação do *Jornal Visual* aconteceu em um estúdio de televisão. Não foram encontradas informações sobre sua estreia, mas o vídeo foi divulgado no site *Youtube* no dia 9 de dezembro de 2012 e também na página do *Facebook*⁷. O *Jornal Visual* em questão contou com um elenco de produção, a saber: Jhonatas Narciso, Lucas Cruz e Rafael Mesquita e dois apresentadores: Claudia Jacob e Jhonatas Narciso – esse recorte analisado não foi feito por eles. Não foi encontrado até o momento informações se havia surdas ou surdos trabalhando na edição do jornal.

No material deste estudo, foi utilizado um recorte de um vídeo sinalizado com interpretação em Libras. Não utilizamos a fala oral do jornal, mas somente os sinais capturados em imagens para análise com base nesse modelo de variáveis do contexto de situação. O recorte analisado teve duração de 30 segundos de um total de 2 minutos e 50 segundos do vídeo

sinalizado e abordou a importância de a pessoa surda aprender o português como segunda língua. Após esses primeiros segundos, há mudanças no quadro do jornal que não interessam para este trabalho. Então, a importância da escolha desse *corpus* é, além de cumprir o papel de informar as pessoas surdas sobre a existência de um programa direcionado para eles, mostrar que é possível ter a mídia com uma referência para a comunidade de surdas e surdos.

3 Análise das variáveis de contexto de situação com base em *frames* de imagens sinalizadas

Em nosso estudo, primeiramente analisamos o componente Campo do contexto de situação. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 29), “o contexto de situação, em suas três variáveis – Campo, Relações e Modo –, converge os componentes fundamentais para que a língua exerça sua função essencial: significar e comunicar/compartilhar significados”. Nessa análise, o Campo refere-se à natureza da prática social, ao assunto, o que está acontecendo. Veja:

Figura 3 – Imagem de 1-6: Chamada do Jornal



Fonte: Jornal Visual (2012).

Nesse recorte analisado, a chamada tem início com uma figura que gradativamente aparece no formato de um círculo com letras brancas que surgem do centro e fundem-se para construir as palavras: *formação* que se transforma em *informação*, *notícia*, *acessibilidade* e *inclusão*. Na parte externa do círculo, pode-se vislumbrar uma borda vermelha que é absorvida pelo círculo e imediatamente surge uma tarja cinza e vermelha a partir do centro com o nome do jornal. Em seguida, a apresentadora conduz a interpretação da informação em Libras.

As palavras geradas não foram escolhidas aleatoriamente, mas com a intenção de adiantar ao expectador os temas abordados pelo jornal e o público para quem se destina. Embora seja uma imagem que passa rapidamente na tela é possível que se leia a mensagem que esse

movimento circular transfere para a sociedade sobre a necessidade de mais informação e inclusão. O tema que o *Jornal Visual* trouxe nesse recorte do vídeo refere-se à importância do ensino da L2 para surdos. De acordo com o texto em português e com as palavras grifadas que correspondem aos sinais interpretados nas imagens, veremos como ocorre o componente relações do contexto de situação:

Repórter: — Olá Bom dia! Em Belo Horizonte o Seminário mostra como deve ser ensinada a Língua Portuguesa para o surdo. E os cuidados especiais para as grávidas cadeirantes. Veja! agora no Jornal Visual.

Figura 4 – Sinal 1: BOM DIA!



Fonte: Jornal Visual (2012).

No que concerne o componente relações nesse texto, percebe-se que nesta reportagem televisiva de gênero notícia não há um contato face a face entre os interlocutores, embora a apresentadora se dirija para o público com os sinais de *Bom dia!* como pode ser visto no sinal 1. Não há uma interação de resposta. Trata-se de uma comunicação estritamente formal, uma notícia direcionada para os surdos – principalmente as mulheres surdas cadeirantes como evidenciam o sinal 2 e sinal 3, familiares e profissionais da área da educação de surdos. Os *frames* podem ser observados:

Figura 5 – Sinal 2: MULHER=GRAVIDA

SINAL 3: CADEIRA DE RODAS



Fonte: Jornal Visual (2012).

A ênfase na mensagem foi dada através de um convite para assistir ao *Jornal Visual* no final da chamada como mostra: sinal 4, sinal 5 e sinal 6. A mensagem principal é que os surdos se informem da importância do ensino bilíngue para desenvolver a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Figura 6 – Sinal 4: VEM=CURIOSO – Usado como Classificador⁸ para a palavra VEJA em Português.



Fonte: Jornal Visual (2012).

Figura 7 – Sinal 5: JORNAL

Sinal 6: VISUAL



Fonte: Jornal Visual (2012).

Ainda sobre o componente relações do contexto de situação, no caso analisado, o envolvimento ocorreu à distância, ou seja, sem nenhum envolvimento corporal. Sobre a natureza dos papéis, quem dá a notícia é alguém preparado para ocupar esse lugar de apresentador/a, e o grau de controle entre os participantes também é realizado pelo tempo, pela apresentadora e para o público a quem se destina. Há relativa distância social porque os interactantes não se conhecem e há um grau de formalidade na linguagem por se tratar de uma notícia televisiva (e não um bate-papo entre amigos, por exemplo), conforme indicam as autoras Fuzer e Cabral (2014). Na figura 7, quanto ao componente relações, é notório que a apresentadora tem o domínio desse controle da distância social, além de evidenciar que não é

pelo fato de o telespectador não estar fisicamente presente que desaparecerá esse “contrato” de papéis sociais que envolvem os participantes.

Pode-se perceber também que a apresentadora procura diminuir a distância entre ela e o público-alvo como visto nas glosas BOM DIA, ENTÃO, AGORA – VEM+CURIOSO, bem como na expressão facial de pergunta COMO?, que sugerem proximidade com o público. Quanto ao Modo, percebe-se nas glosas COMO PRECISAR VOCÊ e TAMBÉM PRECISAR TER CUIDADO um apelo mais incisivo da apresentadora para chamar a atenção das mulheres surdas grávidas. Conforme já explicitado, o Modo diz respeito ao papel da linguagem, ao meio e ao canal utilizados, de acordo com as autoras Fuzer e Cabral (2014). Nesse caso, a linguagem está cumprindo um papel apelativo e de instrução para com as mulheres surdas que precisam estar informadas por meio do *Jornal Visual*, que é o canal televisivo acessível.

No *Jornal Visual*, a notícia foi narrada em português oral com interpretação para a Libras por uma intérprete. Eis as transcrições da narrativa em português oral e a glosa em Libras – texto sinalizado pela apresentadora –, ouvidos e vistos durante os 30 segundos citados e o *frame* da imagem.

68

Português: *Repórter: — Olá Bom dia! Em Belo Horizonte o Seminário mostra como deve ser ensinada a Língua Portuguesa para o surdo. E os cuidados especiais para as grávidas cadeirantes. Veja agora no Jornal Visual.*

Glosa⁹ em Libras: OI, BOM DIA! HOJE INTERIOR BH TER SEMINARIO, PALESTRA, INFORMAÇÃO COMO PRECISAR VOCE ENSINAR LINGUA PORTUGUESA, ENSINAR PESSOA SURD@, COMO? (Expressão facial de pergunta). OUTRO PONTO (marcação contando no dedo maior como sendo a segunda coisa a fazer) TAMBÉM PRECISAR TER CUIDADO ESPECIALMENTE PESSOA^MULHER-GRÁVIDA ^CADEIRA DE RODA- (mulher grávida cadeirante).

ENTÃO! (Expressão facial de convite sorrindo) AGORA – VEM-CURIOSO – VER *JORNAL VISUAL*.

A finalização da informação é percebida na figura 8 em que a apresentadora deixa as mãos em repouso e esbanja um sorriso receptivo. O modo utilizado pela apresentadora foi através da Libras que é seu recurso linguístico para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo.

Figura 8 – Sinal 7: Mãos em repouso e face receptiva



Fonte: Jornal Visual (2012).

Conforme já explicitado, o modo diz respeito ao papel da linguagem, ao meio e ao canal utilizados os quais estão evidentes nos *frames*. A gravação ocorreu em um estúdio com uma televisão ao fundo com a escrita do nome do *Jornal Visual* conforme o *frame* do sinal 7. O Jornal tem como matéria dar informações básicas aos surdos e ouvintes. A interação é com a câmera – embora o público seja o espectador – como mostrou as imagens do sinal 1 quando a apresentadora deu *Bom dia!* – Figura 4, também visto na Figura 8 – sinal 7, quando a apresentadora se encontra em posição de repouso. Entretanto, fica claro para o telespectador que a apresentadora está direcionada para a lente que a grava.

69

Considerações finais

Este breve estudo apontou que é possível o enlace entre os Estudos da Tradução e a LSF através da interpretação do português oral para a Libras no *Jornal Visual*. Perceber o funcionamento social de uma língua de sinais para o público surdo dentro de um contexto específico é importante para ampliar a discussão sobre o papel social da Libras através de um canal de comunicação midiático o qual apresentou características que envolveu o gênero notícia, uma língua de sinais e o público surdo. A interpretação para a Libras contribuiu para ampliar práticas sociais que comprova que há relevância de estudos com base na gramática Sistêmico Funcional de Halliday envolvendo duas línguas de naturezas distintas – o português oral e a Libras –, porém não menos importantes.

A LSF de Halliday e os estudiosos de tradução apontam para a importância de entendermos o funcionamento da linguagem. A interpretação da profissional evidenciou a importância que a Libras tem e sua capacidade de discutir qualquer assunto seja político, religioso, educativo ou outra natureza, assim como a necessidade de mais profissionais nesses espaços sociais. O Contexto de situação, segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 28), “[...] é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando”. Esse contexto pode ocorrer em

diferentes espaços como na igreja ou numa escola. Pode ser uma conversa com amigos na praça, ou uma reunião e também através de um *Jornal Visual* como o exposto no trabalho. A LSF é importante para ilustrar a relevância de se manter um canal de comunicação televisivo utilizando uma língua visual com interpretação simultânea para uma segunda língua como meio de acessibilidade das pessoas surdas. Espero que a análise possa despertar um olhar crítico nos leitores no tocante ao contexto de situação de um programa televisivo. É importante frisar que toda língua seja ela de modalidade gestual visual ou oral auditiva apresenta peculiaridades de escolhas que não são aleatórias. Logo, a importância de se conhecer o funcionamento das variáveis do contexto de situação.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, 5(1), p. 99-128, 1º Semestre de 1998.

BRITO, Lucinda F. *Integração social & Educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

70

CARVALHO, Márcia M.; ARAÚJO, Marília do Socorro O. O desafio da tradução entre Língua portuguesa e Libras diante do fenômeno da sinonímia. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 208-228, mai-ago, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p208>. Acesso em: 3 set. 2020.

CARVALHO, Márcia M. *Avaliação da compreensão escrita de alunos surdos do ensino fundamental maior*. 102 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190924>. Acesso em: 3 set. 2020.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.

FARIA, Evangelina Maria Brito de; ASSIS, Maria Cristina de (org.). *Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas 4*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FUZER, Cristiane, CABRAL, Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em Língua Portuguesa*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das letras, 2014.

GOUVEIA, Carlos A.M. *Textos, análises e interpretações: a linguística sistêmico-funcional*. Palestra proferida em 06 out. 2008. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), 2008.

HALLIDAY, Michael K. *An Introduction to Functional Grammar*. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. 3rd ed. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael A. K. *An introduction to Functional Grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael A. K. e HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, Ruqaiya. The structure of a text the identity of text. In: HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEBERLE, Viviane M. Análise crítica do discurso e estudos de gênero (gender): subsídios para a Leitura e Interpretação de textos. In: FORTKAMP, Malice B M.; TOMITCH, Lêda M.B. (orgs.). *Aspectos da linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Editora Insular, 2000. p. 289-316.

JORNAL visual: O português como segunda língua dos surdos. Apresentadora: Rosane Lucas. Editora: Romina Faria. Minas Gerais, Associação de Desenvolvimento de Radiodifusão de Minas Gerais – ADTV, 2012Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mB13xc1Zhcw>. Acesso em: 3 set. 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, Viviane. M. O conceito de estrutura potencial do gênero de Ruqayia Hasan. In: MARCIONILO, Marcos *et al.* *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NICOLOSO, Silvana; HEBERLE, Viviane Maria. As modalidades de tradução aplicadas à interpretação em língua de sinais brasileira. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 197-235, jul-dez, 2015.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. PUC-SP. *D.E.L.T.A.*, 19: Especial, p. 209-236, 2003.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. *Curso de Libras I*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de Língua brasileira de sinais e Língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília. MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; HEBERLE, Viviane Maria. Curso de Letras/Licenciatura com habilitação em língua brasileira de sinais: inclusão nas universidades brasileiras. In: SEAD, MEC. *Desafios da educação a distância na formação de professores*. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006. p. 87-91.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações *SOLETRAS*, n. 28, jul.-dez, p. 165-181, 2014.

REPÓRTER Visual. Apresentadores: Claudia Jacob e Jhonatas Narciso. Editora: Claudia Jacob. Produção: Jhonatas Narciso, Lucas Cruz e Rafael Mesquita. Gerente de Jornalismo/RJ: Noemi Vieira Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/visual>. Acesso em: 3 set. 2020.

TORO, Cristina García de. Translation studies: an overview. Traduzido por Mark Andrews. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 20, p. 9-42. 2007.

¹ A Língua Brasileira de Sinais é uma língua que tem estrutura gramatical própria e seu sistema linguístico é de natureza visual-espacial, falada por meio de expressões e gesticulações corporais e é oriunda das comunidades de pessoas surdas do Brasil.

² Segundo Carvalho (2012), a Língua Brasileira de Sinais difere das línguas orais porque é uma língua da modalidade visual-gestual (ou visuo-espacial), porque a informação linguística é recebida pelos olhos e reproduzido pelas mãos.

³ As glosas devem ser usadas para identificar um sinal de forma consistente. Este será o nome do sinal. Glosas multpalavras são conectadas com hífen, com espaços indicando sinais separados na linha do enunciado. As glosas podem ou não refletir o significado do sinal no contexto. (FARIA; ASSIS, 2011, p.37).

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mB13xc1Zhcw>. Acesso em: jan. 2020.

⁵ “O trabalho do intérprete de língua de sinais consiste em pronunciar, na língua de sinais, um discurso equivalente ao discurso pronunciado no português oral (ou vice-versa) [...]” (CARVALHO; ARAÚJO, p. 216, 2017).

⁶ “A nomenclatura utilizada aqui corresponde à proposta da ‘Lista de Termos de Gramática Sistemico- Funcional em Português’ aprovada para utilização pelos participantes na lista de discussão gsemportugues@egroups.com, tanto para o português do Brasil quanto para o português europeu.” (FUZER; CABRAL, p. 32, 2014).

⁷ Disponível em: [facebook.com/redeminasjornalismo](https://www.facebook.com/redeminasjornalismo) Data não informada no site pesquisado. Acesso em: 19 mar. 2019

⁸ Os classificadores permitem tornar mais claro e compreensível o significado do que se quer enunciar. Na LIBRAS, os classificadores são formas representadas por configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.” (PIMENTA; QUADROS, p. 71, 2006).

⁹ Os sinais são transcritos com glosas que representam palavras do português emprestadas para identificar os sinais. (FARIA; ASSIS, 2011, p. 37).

NOTA DA AUTORA

Márcia Monteiro CARVALHO – Professora Adjunta na Universidade Federal do Pará. Doutora em Estudos da Tradução (2020) na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Letras: Linguística (2012) pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Docência de Libras (2012) pela Faculdade de Tecnologia equipe Darwin. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (2009) pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia. Licenciada em Letras – Língua Portuguesa (2008) pela Universidade Federal do Pará. Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências da Linguagem. Abaetetuba, Pará, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/6643662683508955>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6278-2667>

E-mails: marciacarvalho369@gmail.com; mmcarvalho@ufpa.br